

NARRATIVAS E MEMÓRIAS: AS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES DO ARARIPE NA LUTA POR UM ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

MARIA JOSÉ LOPES DE CARVALHO*

I Introdução

Neste trabalho pretendo abordar as narrativas e memórias das mulheres da região do Araripe na luta por um espaço de representação política. A trajetória das mulheres nos processos eleitorais serão analisadas metodologicamente a partir da história oral¹. As cidades em estudo são: Araripina – PE e Simões – PI, esses dois municípios serão examinados também pelo aspecto conceitual e teórico de uma cultura política. Desse modo, nessa investigação cabe entender que a política como uma ação cultural de mulheres e homens no cotidiano constitui “[...] um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama” (BERSTEIN, 1998: 350).

No Brasil durante a década de 1980, emerge muitas produções acadêmicas sobre o papel das mulheres nos movimentos sociais e nos espaços de representações dos órgãos do poder público. As preocupações desses estudos revelaram a presença e o exercício político das mulheres na vida social, as *táticas e estratégias* no cotidiano demonstram que a ousadia feminina construiu modos de sobrevivência “diferenciadas de resistência à dominação masculina e classista, enfatizando, enfim, a sua capacidade de luta. Esse conjunto foi fortemente influenciado pelas análises do historiador inglês E. P. Thompson” (CUNHA, 2002: 45-46). Entender as lutas e resistências do seguimento de mulheres na historiografia significa compreender que:

O passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atores individuais se relacionavam de certas maneiras (pelo mercado, pelas relações de poder e subordinação etc.) (THOMPSON, 1981:50)

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social – PUC/SP, Especialista em História e Sociologia – URCA - CE, Graduada em História- FAFOPA – Faculdade de Formação de Professores de Araripina – PE, bolsista CAPES II, professora licenciada da Rede Pública Estadual do Piauí. E-mail: mazararipe@yahoo.com.br. Orientadora: Maria Izilda Santos de Matos

¹ Entendo “a força da história oral como uma força de qualquer história metodologicamente competente”. BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas perspectivas**. 7^a. ed. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 194

A incorporação pelos estudos culturais de novos objetos, abordagens e problemáticas possibilitou uma abertura para os estudos sobre as mulheres. Dessa forma, o tema da mulher passou a interessar aos historiadores desejosos de ampliar os limites de sua disciplina, de abrir áreas de pesquisa, e acima de tudo, de explorar experiências de sujeitos, cuja identidade foi tão freqüentemente ignorada ou mencionada apenas de passagem (SAMARA; SOIHET; MATOS, 1987: 90). Nesse sentido, as produções nas áreas das ciências sociais sobre as mulheres ganharam propulsão na escrita da história como também constituiu num material fecundo para *história cultural*.

Nessa perspectiva, esse estudo visa discutir e historicizar sobre o papel dessas mulheres na região da Serra do Araripe², em especial nas cidades de Araripina – PE e Simões – PI, que se engajaram na política partidária conquistando cargos eletivos ou participando dos processos eleitorais.

Por considerar um trabalho interdisciplinar que rompe com as fronteiras do campo histórico. O referencial teórico desse texto se apóia na relação metodológica entre história e gênero, na história oral bem como em outras metodologias proporcionadas por outras áreas das ciências sociais³.

Nesse sentido, a história oral constitui num método importante para a coleta de depoimentos das mulheres que participaram dos processos eleitorais e das instituições de poder nos municípios de Araripina – PE e Simões – PI. A oralidade se torna um instrumento para analisar a trajetória das mulheres em discussão. Destarte, esse estudo se funda nos pressupostos da oralidade, que:

Como está implícito no próprio termo, a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado; oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada as suas dimensões narrativa e lingüística. (PORTELLI, 2001:10)

² A Chapada do Araripe é um planalto na divisa dos estados brasileiros do Ceará, Piauí e Pernambuco. Localizada no Semi-Árido do Nordeste brasileiro, a Mesorregião da Chapada do Araripe compreende 102 municípios, sendo 25 municípios no Estado do Ceará, 18 municípios no Estado do Pernambuco e 29 municípios no Estado do Piauí. Possui uma área total de 76.665,17 km² e população estimada em 1.743.837 milhões de habitantes. Ao chegar ao Brasil os portugueses encontraram várias nações indígenas na “Serra do Araripe: os Ubatês, Moatans, Janduins, Icós e Urirês”. CHAVES, Monsenhor. **Obras completas**. Teresina – PI: Fundação Monsenhor Chaves, 2005. p. 127.

³ Para adensamento da redação da pesquisa, pretendo realizar análise a partir dos referenciais metodológicos propiciados por outras áreas das ciências sociais como filosofia e ciências políticas.

A história oral é tomada como princípio norteador da pesquisa. As entrevistas coletadas pelo método da oralidade, as fontes e os documentos dos partidos políticos e das instituições constituem como matérias-primas para a construção deste trabalho. Enfim, as entrevistas orais das mulheres no Araripe servirão de análise para compreender a participação política delas nas cidades de Araripina-PE e Simões-PI. Efetivamente, a utilização de referenciais teóricos produzido pela história cultural também constituiu em procedimentos para escrita desse texto dissertativo.

Dentro de uma perspectiva relacional entre história e gênero busco a partir das fontes documentais, bibliográficas como também pela oralidade investigar as trajetórias nas narrativas e nas memórias das mulheres do Araripe (Araripina-PE e Simões-PI) em eleições e órgãos institucionais. Além dos depoimentos orais, as fontes para esse estudo foram coletadas nas visitas aos cartórios eleitorais das duas cidades, junto aos partidos políticos. As análises desses documentos e das fontes visam compreender as representações construídas sobre a participação dessas mulheres na política das duas cidades.

Entendo que as mulheres participarem das eleições é um grande desafio, porque a estrutura eleitoral do nosso país é extremamente sexista. Compreender historicamente a trajetória das lutas das mulheres no Araripe no exercício de participação e intervenção política nos processos eleitorais e nos órgãos públicos de decisões políticas é o que pretendo com a investigação proposta nesse texto.

O texto em discussão se empenha em mostrar o quanto a historiografia oficial da região do Araripe é sexista, em virtude de esquecerem da participação feminina. Entretanto, a perspectiva desse trabalho é de apresentar outras memórias e outras histórias dando destaque a luta e a resitência das mulheres do Araripe. Destaco duas dessas protagonistas que se tornaram referência para as mulheres dessa espacialidade. A primeira foi Maria Preta, negra escravizada que depois de ser açoitada pelo seu senhor resolveu fugir provavelmente em direção a um quilombo, em determinado lugar sentou-se numa pedra e por um longo tempo permaneceu ali sem se alimentar, entrou num estado de tristeza profunda que na qual resultou em sua morte. A trajetória dessa mulher do Araripe foi marcante, porque o nome de Maria Preta foi dado ao local, onde ela morreu – hoje povoado (distrito) de Simões.

O segundo exemplo de participação feminina foi de Jovita Alves Feitosa, alistando-se ao Exército em Teresina-Piauí para servir a pátria brasileira na Guerra do Paraguai (dezembro de 1864 a março de 1870). Ela passou por São Luiz-MA, Recife-PE, Salvador-BA, por onde passava era festejada como heroína. Entretanto, quando chegou ao Rio de Janeiro, Jovita Feitosa foi impedida de embarcar como voluntária para o Paraguai pelo fato de ser mulher.⁴

É na maneira de agir das “Mulheres do Araripe” que procuro compreender de que forma se ampliou os espaços de participação política das mulheres e como se deu o exercício de cidadania⁵ feminina nos órgãos de decisão política. Para o delineamento desse estudo, recorri metodologicamente à história oral e as categorias teóricas sobre memória, território, patriarcado, gênero e representação política.

II. QUANDO SE SOBE AO PALCO: Narrativas e memórias das mulheres do Araripe na luta por espaços de representação política

A região do Araripe – as duas cidades em questão – é marcada pelo signo do “cabra macho” que se constitui em outro viés analítico que serve de referência para esse estudo. Encontro na categoria *território* uma relação com noção de identidade e de sujeito nordestino. Para se compreender as trajetórias de lutas das mulheres no Araripe recorro à representação do ser nordestino que está vinculada a sua territorialidade. O espaço do Araripe é focado também no discurso do “cabra-valente”. Assim, o diálogo abaixo explica como foram instituídos os discursos sobre o Nordeste e de sujeito nordestino que se aplica ao “cabra-da-pestes” do Araripe:

Enrijecimento de organismo potente; tipo fisicamente constituído e forte; aspecto dominador de um titã acobreado; verdadeiro pai-d'égua; gritando muito e descompondo como um capitão de navio; homem bravo homem de

⁴ “Com o 2º Corpo de Voluntário da Pátria, que saiu de Teresina em 10 de agosto de 1865, viajou uma moça cearense, de Inhamuns, Jovita Alves Feitosa, de 17 anos, domiciliada em Jaicós e que se apresentou em Teresina como Voluntário. [...] No Recife as manifestações foram ainda mais estrodozas. Jovita foi cantada em prosa e verso na imprensa pernambucana. Na Bahia, a mesma coisa. Ela foi hospedada no próprio Palácio da Presidência”. CHAVES, Monsenhor. Op. cit., 1988. p. 240-1.

⁵ Cidadania – capacidade dos indivíduos influenciarem na definição e no usufruto de direitos e participação numa coletividade e não se restringe à conquista de direitos, mas, sobretudo, ao exercício desses direitos, sem a exclusão de nenhum cidadão. SILVA, Roberto John Gonçalves da. **A constituição do sujeito coletivo CUT-PI: institucionalização, práticas e mudanças sócio-políticas.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social), PUC-SP, São Paulo, 1993.

gênio forte; cabra se fazendo em arma com facilidade; falando sempre em mulheres; quase nu, de brincadeira com os outros, com gestos dos touros, de pernas abertas e membro em riste, no deboche, na gargalhada; homem encourado, vermelho, com guardo peito encarnado, desenhando-se o busto forte e as longas perneiras ajustadas ao relevo poderoso das pernas; [...]. O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo: Figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003: 19-20)

Outra abordagem pertinente que constato na região do Araripe foi como se estabeleceram as relações no campo da história relacional, ou seja, entre o masculino e o feminino. Ressalto que não entendo as relações entre o masculino e feminino pela oposição binária. Nesse caminho perscruto a partir do conceito patriarcado as relações de conflitos, ou compartilhamento das mulheres do Araripe que atuaram politicamente na busca de cargos eletivos. Foi nos anos de 1970 que uma nova acepção feminista classificou o que é patriarcalismo. E, é nessa esteira histórica que se utiliza essa noção teórica,

*[...] o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. [...] “Patriarcado” vem da combinação das palavras gregas **pater** (pai) e **arkhe** (origem e comando). Essa raiz de duplo sentido em **arcaico** e **monarquia**. Para o grego antigo, a primazia no tempo e a autoridade são uma só e a mesma coisa. Portanto, o patriarcado é literalmente é autoridade do pai. (HIRATA, et al. (orgs.) 2009:173-4)*

Dessa forma, percebo que a grande maioria das cidades brasileiras são fundadas por homens, e de certa forma tentam invisibilizar a participação feminina. As duas cidades em discussões não fogem a regra os nomes de personalidades masculinas aparecem de forma contundente na historiografia dos dois municípios.

Em Araripina os vultos masculinos que aparacem na historiografia oficial da cidade, desde quando era vila eram:

*3 – OS PIONEIROS. A seguir os principais povoadores da Vila de São Gonçalo. **Daniel Rodrigues Nogueira**, cearense, último proprietário conhecido da fazenda São Gonçalo [...]; **Victor José Modesto**, cearense, de Jardim [...] veio para Fazenda Alagoinha, nas proximidades do povoado de São Gonçalo no ano de 1881, mais ou menos. **Henrique Alves Batista** [...] patriarca de numerosa descendência. Entre outros, eram seus filhos: Ana, casada com Dionísio de Deus Lima e mãe do ex-prefeito Raimundo Batista de*

Lima (Dosa); Manoel, pai do ex-prefeito Sebastião Batista Modesto (Sebasto) e Florentino, pai do também ex-prefeito Dr. Pedro Alves Batista. Antônio José Modesto [...] era coronel da Guarda Nacional, mas não tinha a farda. Sua patente e espada foram compradas para ajudar a pagar a dívida nacional. José Martins de Alencar, cearense, proprietário da fazenda Sauhén. João Ricardo Arraes Neto, conhecido por João Custódio, era piauiense, de Pio IX. [...] da família Arraes da região dos Inhamuns, era ligado politicamente a família Feitosa, da corrente liberal. Estava presente nos acontecimentos do Assaré (CE), no ano de 1868, quando foi assassinado um membro da família Carcará, da corrente conservadora, por seu primo Ignácio Ricardo Arraes. Por essa razão, João Custódio veio homisiar no lugar Sítios Novos, no município de Ouricuri, [...]. (ARRAES, 1988: 23-25).

Em 07 de outubro de 1681 fora concedida a José Simões, a sesmaria na qual pertencia a fazenda Simões, que recebera esse nome em homenagem ao seu proprietário (D'ALENCASTRE, 1855:156). Esse senhor dono da terra era oriundo da capitania da Bahia, notadamente de Vila Bela da Rainha, município de Jacobina que atualmente recebe o nome de Senhor do Bonfim (DANTAS, S/D: 16). Desde quando era fazenda, as personalidades destacadas pela história oficial de Simões, mostra também que a maioria foram homens a saber:

Arcênio Lopes dos Reis, construiu a primeira capela por volta do ano de 1886, que posteriormente originou ao redor dessa a cidade de Simões. Liberato José, um dos primeiro que veio a residir na fazenda Simões. João Raimundo de Oliveira e Sanô Lopes a partir do ano de 1887 também se tonaram moradores dessa localidade.(Fonte: IBGE Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Consultado em 25/05/2010).

Luis Lopes dos Reis e Abércio Josias de Carvalho, Prefeito e vice-prefeito (Outubro de 1954 - Dezembro de 1954), nomeados na instalação do município Simões, ficaram a frente da cidade apenas por 3 meses, enquanto era feita a primeira eleição.

Rufino Lopes dos Reis e Abércio Josias de Carvalho Prefeito e vice-prefeito (1955 - 1958), Primeiro Prefeito eleito de Simões, obteve 80% dos votos contados.(Fonte: Simoes News. Disponível em <http://www.simoesnews.com.br/prefeitos/prefeitos.php#>. Consultado em 25/05/2010)

É pertinente nesse estudo observar a participação das “Mulheres do Araripe” pelo viés da memória. E, assim, perceber que a memória se apresenta em múltiplas temporalidades e fazem emergir uma variedade de campos de disputa e poder. Nesse trabalho, proponho analisar como as mulheres vão se inserir na política nos espaços do Legislativo e Executivo nos municípios de Araripina-PE e Simões-PI, a partir da

reconstituição da memória das mulheres entrevistadas que foram eleitas ou não eleitas nos processos eleitorais. Assim, cabe utilizar a memória social como “[...] um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 2003:422).

Ao potencializar a memória social como elemento importante para a cultura e o cotidiano de um povo em virtude dela trazer a recordação de um passado móvel, não petrificado, a memória torna – se nas sociedades orais instrumentos de tradição viva. Assim assinala que:

A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, está manifestação da memória(LE GOFF, 2003:470).

Percebendo que a memória é presente, e, o passado não está acabado, o diálogo nos auxilia que: “ao lidarmos com a memória como campos de disputas e instrumentos de poder, ao explorarmos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais [...] se transformam na experiência social vivida” (KHOURY, (orgs) et. al, 2004: 118).

Essa reflexão sobre memória e a oralidade ajuda-me analisar o processo eleitoral nos municípios de Araripina-PE e Simões-PI. Pensando como esse processo se tornou em estratégias e práticas⁶ de mulheres que alcançaram com sua militância na política institucional a possibilidade de transformação da realidade social. Desse modo, cotidiano e política se entrelaçam de maneira a desmanchar qualquer separação epistemológica.

Durante a pesquisa entrevistei algumas mulheres que foram candidatas aos cargos eletivos, para verificar suas trajetórias de lutas, procurei saber como as relações familiares e sociais interferiram na participação, se aconteceu ruptura com os preconceitos sexistas para ocupação dos cargos de vereadoras ou vice-prefeita, durante o período analisado.

⁶ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano, artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

O caso de Araripina – PE

Na cidade de Araripina-PE foi eleita vereadora Vera Lucia dos Santos Araújo no mandato de 1982/1988. Por outro lado, nas eleições de 1988, para prefeito foram quatro candidatos homens e nenhuma mulher, sobressaindo vencedor Valdemir Batista de Souza, nº 25, Partido da Frente Liberal (PFL), com uma votação de 13.464 votos⁷. No mesmo ano, tivemos num total de cinquenta candidaturas, das quais três mulheres a saber: Ana Mendes de Sousa Silva, nº 13601, Partido dos Trabalhadores (PT), com 77 votos; Maria Auxiliadora da Silva, nº 13604, PT, 35 votos; Vera Lúcia dos Santos Araújo, nº15622, Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), 296 votos⁸.

Nas eleições de 1992, foram candidatos a prefeitos: Emanuel Santiago Alencar, com o número 36, pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN) que obteve 8.684 votos (não eleito), Jose Alencar Gualter, nº52, candidato pelo Partido Social Trabalhista (PST), com uma votação de 4.290 votos (não eleito), saindo vencedora Maria Dionea de Andrade Lacerda, nº25, do Partido da Frente Liberal (PFL) eleita com 13.293 votos⁹.

Uma das candidadas vereadora nesse período foi a professora Francisca de Assis Arruda Gomes, Licenciada em Letras pela FAFOPA-PE/79¹⁰ – conhecida popularmente por Assisinha, que tinha ocupado o cargo de Secretária Municipal de Educação de Araripina, na gestão de 1989 a 1992–, candidatou-se com nº 36610, pelo PRN, obteve 584 votos. Na conversa com a depoente, ela narra as vantagens e dificuldades para ser candidata a um cargo eletivo, assim explica:

[...]Eu sou grata a quem votou em mim, que eu tive 583 votos, mas, não foi comprado 1 (um), forma votos realmente de pessoas amigas, de alguns professores que tinham essa visão, que quiseram me ajudar,[...]. Na minha família tinha seis pessoas que se candidataram, tinha seis candidatos da minha família. Então, eu acredito que muitos professores, muitas merendeiras,

⁷ Nesse pleito eleitoral outros candidatos não leitos foram: Pedro Alves Batista, nº 15, Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), 6.608 votos; Francisco Batista Sobrinho, nº 13, Partido dos Trabalhadores (PT), 640 votos; Vicente Alexandre Alves, nº 40, Partido Socialista Brasileiro (PSB), 418 votos. Fonte: TRE-PE, disponível em <http://www.tre-pe.gov.br/publicanet/ServletMontarPagina.do?codObjetoPagina=9>. Consultado em 19/01/2011.

⁸ Ressalto que nenhuma das mulheres candidatas foram eleitas; outra informação pertinente foi que Vera Lúcia dos Santos Araújo tendo mandato vereadora não conseguiu se reeleger.

⁹ Informação importante, a prefeita eleita Maria Dionea de Andrade Lacerda foi procurada varias vezes por mim na perspectiva de coletar depoimento sobre sua trajetória política, a mesma não quis da depoimento.

¹⁰ Faculdade de Formação de Professores de Araripina – FAFOPA.

esse povo que era o público alvo, que eu queria atingir, que eu queria beneficiar, muitos deles votaram em mim. Mas, infelizmente perdi por pouca coisa [...]. Quero lhe dizer que meu esposo me ajudou muito, porém, a dificuldade que agente encontra é porque a eleição para vereador é uma eleição muito difícil, e, eu acho que as próprias mulheres, não votam em mulheres, acredita? Que as próprias mulheres, não votam em mulheres, e, é uma eleição muito difícil, a de vereador. É uma concorrência muito grande, a luta por um voto, sabe, eu lembro que quando subi uma vez num palanque para falar, era numa região a qual chamda sítio Flamengo[...] na hora que eu estava falando, eles tinha aqueles instrumentos de bate-bate, de animação dos comícios, aquelas baterias, eles mesmos atrapalhavam para que eu povo não escutassem minha fala. A dificuldade é grande, a luta é grande! Os próprios colegas de partido da coligação agiam dessa forma no mesmo palanque não há respeito, é uma luta desigual. (Entrevista realizada com Francisca de Assis Arruda Gomes, Assisinha, em 24/07/2010 em sua residência).

Nas eleições de 1992¹¹ foram eleitos dez vereadores homens e somente uma mulher, a vereadora **Maria Darticléia A. Lima Modesto**¹², nº 36623, (PRN), ficou na 4ª colocação, com 945 votos. Professora Darticléia – como é conhecida em Araripina – ocupou na gestão da Câmara Municipal no biênio de 1995/1996, a Vice-presidência dessa instituição¹³. Eleita pelo PRN, posteriormente muda para o Partido Socialista Brasileiro (PSB), tornou-se oposição ao seu pai que era de outra sigra partidária. No depoimento abaixo, a entrevistada relata o conflito vivenciado com seu esposo, em virtude de sua candidatura, porque ele pensava que ela tinha perdido sua feminilidade,

A mulher que ingressa na política, que se candidata a algum cargo, tem que está preparada, pode ir de “cabeça feita” porque ela será muito cobrada, eu fui muito cobrada, pois muitas pessoas, inclusive o meu marido entrou em conflito comigo pois achava que eu não era mais feminina, que fiquei um tanto grosseira, pois ele passou a me ver com “outro olhar”, dizia que a mulher que entra na política perde a sensibilidade para viver, conviver como esposa e

¹¹ Nas informações sobre esse processo eleitoral indica as colocações e no número de votos dos outros vereadores: **1º** Flavio Ernane Modesto Simeão, nº 25615 PFL, 1.436 votos; **2º** Francisco Salomão de Moraes, nº 36606, PRN, 1.150; **3º** Humberto de Oliveira Carvalho Filho, nº 52605, PST, 1.104; **5º** Tadeu Braz da Penha, nº 36609, PRN, 938 votos; **6º** Francisco Rocival Lacerda Gomes, nº 25601, PFL, 920, votos; **7º** Amilton Pereira da Silva, nº 25614, PFL, 853; **8º** Moisés Neri de Oliveira, nº 36613, PRN, 811 votos; **9º** Joaquim Alves de Castro Neto, nº 36601, PRN, 797 votos; **10º** Valdir Alves de Lucena, nº 25613, PFL, 783 votos; **11º** Sinval Ferreira dos Santos, nº 25610, PFL, 762. Fonte: TRE-PE, disponível em <http://www.tre-pe.gov.br/publicanet/ServletMontarPagina.do?codObjetoPagina=9>. Consultado em 22/01/2011.

¹² A vereadora Maria Darticléia A. Lima Modesto foi reeleita para o mandato de 1997/2000 chegando à condição de Presidenta da câmara de 1997/1998. Para o mandato 2001/2004 Maria Augusta Lima Modesto – filha da Maria Darticléia – foi eleita vereadora.

¹³ A vereadora Maria Darticléia A. Lima Modesto foi reeleita para o mandato de 1997/2000 chegando à condição de Presidenta da câmara de 1997/1998. Para o mandato 2001/2004 Maria Augusta Lima Modesto – filha da Maria Darticléia – foi eleita vereadora, assunto que tratarei posteriormente.

tudo isto se tornou um grande conflito, que estou confessando pela primeira vez, acredito plenamente, que isto nos levou a separação conjugal. O preconceito no próprio lar é muito forte com meus irmãos, minha família. Os meus irmãos chegaram a não apoiar minha filha que se candidatou, pois diziam que o feminismo estava sobressaindo mais que a equipe masculina, deu muita confusão. É uma disputa de poder, de gênero na própria família.¹⁴ (Entrevista realizada com Maria Darticleia A. Lima Modesto em 06/08/2008. na GERE - Gerência Regional de Educação em Araripina-PE).

Nas eleições de 1996, para Prefeitura Municipal de Araripina candidataram-se três pessoas todos homens, nenhuma mulher. Nesse mesmo ano, os (as) candidatos (as) à Câmara Municipal de Araripina –PE eram num total de trinta e nove (39), dos quais quatro (4) eram mulheres: Maria Darticleia Albuquerque Lima Modesto, nº 40622, PSB, 1.186 votos (eleita); Maria Angela Lyra de Queiroz Campos Ferraz, nº 25606, PFL, 568 votos (suplente); Dinair Cordeiro Gomes, nº 25607, PFL, 532 votos (suplente); Vera Lucia da Costa Barros, nº 25603, PFL, 248 votos (suplente); Sylvania Maria de Oliveira Gomes, nº 12604, PDT, 85 votos, (suplente); Dalcly Lopes da Silva, nº 12609, PDT, 06 votos (suplente).

A entrevistada no processo eleitoral de 1996 foi Sylvania Maria de Oliveira Gomes¹⁵ obteve 85 votos. A narradora enfatiza as dificuldades em pedir votos, especialmente em sua região, mesmo em fazer campanha por todo município com a Erenilde (esposa do Lula, candidato a prefeito), o que verifico no diálogo seguinte,

Na realidade eu só pedia votos nos palanques, e, assim mesmo na hora do meu discurso, eles (candidatos homens), ficavam bisbilhotando, cochichando no meu ouvido (assim eles diziam: fala só isso, diz só isso, tu não podes pedir voto aqui assim, porque aqui é região de fulano. Então, foi uma campanha muito chata [...] o Lula (candidato a prefeito da coligação) alugou senão me engano, onze fiats, para cada candidato ele deu um, e, para mim ele deu uma Kombi Volkswagen velha que não saia do lugar, então, eu sofri muito com aquele carro e resolvi deixa-lo lá. Aí fui andar com a Erenilde (mulher do Lula) para pedir votos,[...] foi quando eu conheci o município de Araripina todinho, de ponta a ponta, nós saíamos às seis horas da manhã e voltávamos duas da manhã, eu e ela, pedindo votos em toda região do município e foi muito bom, só que eu não pedia (votos) para mim, eu pedia apenas para ela (Lula) [...], surgiu um ciúme muito grande dos outros candidatos que queria me proibir de andar com ela (Erenilde), porque achavam que ela estava pedindo votos para mim, na realidade não estava, ela pedia votos para o cunhado dela, que era irmão do Lula, candidato a vereador. Quando nós

¹⁴ Entrevista realizada com Maria Darticleia A. Lima Modesto em 06./08/2008. na GERE - Gerência Regional de Educação em Araripina-PE.

¹⁵ Na época a depoente era locutora de rádio. Quando se candidatou ela não tinha formação universitária, atualmente é Licenciada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e especialista em em História e Sociologia pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

chegávamos numa residência eu ficava proibida de pedir votos para mim, mas como eu era candidata e tinha que andar o município inteiro, eu ia com ela e mostrava pelo menos a cara. [...] (Entrevista realizada com Silvania Maria de Oliveira Gomes, em 21/07/2010 em sua residência).

No entanto, construía táticas para fazer sua campanha eleitoral, como observo no relato:

Eu ia gravar o programa na rádio, e, eles, alguns candidatos, queriam ir comigo para gravar também, descobri uma estratégia ir à noite no horário que não ia nenhum candidato, eles já haviam gravado durante o dia, eu ia lá e gravava meu discurso, o discurso na rádio o mais bonito, bem feito era o meu, [...]sei que todo mundo ouvia e muita gente falava ah! Você é muito boa, seu discurso é muito bom, e, eles ficavam com raiva de tudo isso.(Ibidem)

A busca por possibilidades de participação feminina na esfera pública não tem sido fácil diante das resistências sexistas vigentes da sociedade. A atuação das mulheres no espaço público encontra obstáculos frente aos indícios de segurança para o patrimônio familiar e para uma boa convivência nas relações entre cônjuges, pois o preconceito sexista se afirmam nas atividades e a ocupação pelas mulheres de espaço predominantemente do homem, ferem o brio masculino e representa uma ameaça na dominação dos homens sobre as mulheres. Essa dominação vem na esteira da história pela construção discursiva de um “modelo masculino” bem sucedido profissionalmente e socialmente.

Nos anos 40 e 50, o ‘modelo masculino’ mais difundido era o do homem provedor-trabalhador, vinculado a um emprego fixo que propiciasse estabilidade e segurança à família, dedicado à família, metódico e regrado.[..]. No “modelo masculino” também valorizavam-se o sucesso profissional, a competitividade, a paixão pelo futebol e pela política, a força física, a capacidade de luta, esperteza e ‘jogo de cintura’. A masculinidade heterossexual tradicional comporta aspectos como o status, o sucesso, a resistência, a independência, incentivando a disputa como um elemento positivo no perfil do masculino. (MATOS, 2005: 117-18 e 120)

Muitos discursos reafirmam os valores *viris*¹⁶, mantendo uma postura de preconceito e exclusão realizando uma demarcação nos espaços “público” e “privado” e atribuições do masculino e do feminino, nesse contexto,

¹⁶ Sobre esse assunto ver BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010,p.20.

Sua feminilidade proporciona preferencialmente uma aptidão prática à mulher, mas em caso algum uma aptidão especulativa. Por conseguinte, as mulheres não podem ocupar cargos públicos. Hegel fala da vocação natural dos dois sexos. O homem tem sua vida real e substancial no Estado, na ciência ou em qualquer outra atividade do mesmo tipo. Digamos de modo geral no combate e no trabalho que o opõem ao mundo exterior e a si mesmo. A mulher, pelo contrário, é feita para a piedade e o interior. Se colocam mulheres à frente do governo, o Estado se encontra em perigo. Pois elas não agem conforme as exigências da coletividade, mas segundo os caprichos de sua inclinação e seus pensamentos. Auguste Comte vai ainda mais longe, já que fala da inaptidão radical do sexo feminino para o governo, mesmo da simples família, em virtude da espécie de estado infantil contínuo que caracteriza o sexo feminino". (PERROT, 1992: 177-78).

O caso de Simões – PI

Nas eleições de 1982, os candidatos a prefeitos eram: Joaquim José Valdeci de Carvalho (Valdeci), Partido Democrático Social (PDS), eleito. Os vereadores(as) eleito(as) eram nove, dos quais duas mulheres: Maria Aldenora Oliveira, PDS e Maria Gracilda Lopes de Carvalho. Para o mandato eletivo de 1983 à 1988, Maria Aldenora Oliveira (in memoriam) tornou-se Presidenta da Câmara 1983/1985 e Maria Gracilda Lopes de Carvalho Vice-Presidenta da câmara de 1985/1987. A última expressa como foi sua performance política e diz como deve uma mulher atuar no parlamento municipal,

Para ser franca, eu nunca havia pensado em entrar na política. Fui sempre uma pessoa de estar com a comunidade carente, afim de prestar algum serviço, mas, não com a intenção política. Entrei para satisfação de alguns amigos e da família. Eu fui eleita pela primeira vez que me candidatei, devido a boa amizade que tinha com o povo. [...] não me sentia discriminada perante os meus colegas, nem também por parte da minha família, se deixei de fazer as coisas, muitas vezes era porque o governante não apoiava. Sendo a mulher cidadã, ela poderá muito bem contribuir no desenvolvimento da população do município em vários setores como: Educação, cultura e trabalho que beneficiem a todo município. O que me fez desistir da vida política foi algumas dificuldades encontradas e a falta de apoio por parte do governante. (Entrevista realizada com Maria Gracilda Lopes de Carvalho, em 20/12/2009 em sua residência).

Pela primeira vez foi registrado no processo eleitoral de 1988 três candidaturas para prefeito. Em uma das chapas tinha como candidata a vice, a professora Maria Aparecida dos Reis¹⁷ (Cidoca) pelo PT, que não foi eleita, mas, atingiu uma quantidade

¹⁷ Maria Aparecida dos Reis, liderança sindical filiada ao Partido dos Trabalhadores – PT foi candidata não eleita nas eleições de 1992, 1996, 2000 e 2004. .

de 737 votos. Em relação as candidaturas de vereadores (as) registraram-se um total de quarenta e três, dentre elas, três eram mulheres que não conseguiram se eleger: Maria Aldenora oliveira de Carvalho, nº 25616 candidata a reeleição pelo PFL com 221 votos; Argentina Cordeiro de Araújo, nº 15603, PMDB/PDS, 198 votos; Maria de Jesus de Araújo (Maria de João Lopes), nº 13606, PT, 58 votos. Nas quatro vezes que foi candidata no município de Simões-PI, Maria Aparecida dos Reis enfatiza sua persistência em disputar processos eleitorais. Percebe que a luta política se dá no cotidiano e nas relações entre homens e mulheres. No percurso de militância da entrevistada abaixo, observo formas diferenciadas de trajetórias em relação a outras candidatas,

Iniciei apoiando as lutas e manifestações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, depois fui membro da coordenação do movimento de mulheres das trabalhadoras rurais de Simões-Pi, além disso, fui membro da coordenação regional e estadual deste movimento. (Entrevista realizada com Maria Aparecida dos Reis, coletado pela autora em setembro de 2004 em seu pequeno estabelecimento comercial)

Ao continuar o diálogo com a Maria Aparecida dos Reis, percebo os conflitos enfrentados pela condição de ser mulher com poucos recursos econômicos. As dificuldades enfrentadas pela candidata mostra que a o ser feminino sofre o preconceito duplamente, uma pela condição de ser mulher, e, outra porque uma campanha eleitoral traz muito encargos financeiros. O que constato no depoimento abaixo,

Não sou uma pessoa de grandes poder aquisitivo tive muitas dificuldades em conquistar votos durante as campanhas eleitorais. Isso aconteceu porque maior que o preconceito machista e partidário foi o preconceito econômico. (Ibidem)

Nas eleições de 1996, duas mulheres candidatas a vice-prefeita: Terezinha de Jesus Carvalho e Sousa, nº 251, PFL, vitoriosa com 4.355; a outra não eleita foi Maria Aparecida dos Reis, nº 131; PT, 2.080 votos. No mesmo pleito, no total de vinte um candidatos (as) a vereadores (as), cinco eram mulheres a saber: Maria Marlene de Moraes, nº 25602, PFL, eleita com 370 votos; Maria Lisléia Lopes Nunes do Nascimento, nº 25609, PFL, também foi vitoriosa, obtendo 336 votos. As outras candidatas não vitoriosa foram: Ana Maria Conceição, nº 15660, PMDB, 178 votos; Argentina Cordeiro de Araujo Nunes, nº 2560, PFL, 332 votos; Maria Suely de Carvalho 2561, PFL, 283 votos. Marlene Moraes – como é conhecida – ocupou a 2ª

secretária da câmara de 1997/1998 e a 1ª secretária de 1999/2000; Maria Lisléia foi Presidenta da câmara de 1999/2000.

Desse modo, na gestão de 1997/2000, a vereadora **Marlene Moraes** expõe os problemas enfrentados por ela no processo eleitoral bem como as decepções no legislativo municipal, por último ressalta a importância da mulher na política :

Eu tinha grandes amizades, um grande trabalho feito, as pessoas que me apoiavam também tinham, eu acho que não tive tantas dificuldades, a maior dificuldade é essa Mazé, que todo mundo só vota, só quer votar, a maioria só vota a troco de dinheiro, agente sabe que há muitas traições por parte dos eleitores que lhe garante e tudo, aí chega outros candidatos, e, eles prometem também aos outros, mas sinceramente eu sei que a luta foi grande, mas, a maior foi a financeira, porque por mais que a gente tenha amizade, um serviço prestado, o eleitor chega e diz: - “eu estou precisando”. A necessidade dos eleitores é grande, tem deles que passam dois, três anos doente, esperando chegar a época da eleição para que possa adquirir um tratamento para um filho, uma pessoa da família. [...] eu tinha um engano, quando eu me candidatei, eu tinha essa vontade, eu pensava que os vereadores unidos tivessem FORÇA para lutar pelos nossos direitos, pelo direito do povo, só que chegando lá (na câmara) era totalmente diferente, não era para isso que a maioria estava, estavam lá muitos para adquirirem para si e não para o povo[...]. Eu acho que a cada dia esta melhorando, até é bom lembrar que a lei já permite (lei de cotas para mulheres, eu não estou lembrada a porcentagem que os partidos tem que apresentar número “X” de candidatas mulheres, isso, eu acho que ajuda na aceitação e também pela mulheres vem se valorizando, e, inclusive com a candidatura dessa mulher para presidenta (Dilma Rousseff). Eu mesma quando eu falo, sempre coloco, nós temos que ajudar dar valor a mulher, hoje as mulheres estão mais esclarecida também. (Depoimento de Maria Marlene de Moraes coletado pela pesquisadora em julho de 2010)

III. Conclusão

Como já citado anteriormente, historicamente a região do Araripe é apontada como espacialidade marcada como, terra do “cabra macho” do “cabra valente” e de certa forma, pelo autoritarismo dos governos locais. Representações presentes na literatura e na música nordestinas¹⁸. Partindo desse pressuposto está investigação procurou examinar a partir da oralidade e da memória como se processou a inserção e participação das mulheres nos poderes do executivo e legislativo nas cidades de Araripina-PE e Simões-PI no período de 1982 a 2000.

¹⁸ Discutir sobre as mulheres do Araripe leva a também observar as produções musicais dessa região. Na poesia musical de Luiz Gonzaga e Zé Dantas “Cabra da Peste” aborda esse espaço como um lugar do “cabra da peste” “valentão sem controle”. A maioria da produção musical de Luiz Gonzaga tem como destaque as influências sonoras dessa região do sertão nordestino, especialmente na região do Cariri e sua chapada – a Serra do Araripe. Ver música. Caba da peste (Cabra da Peste Baião, julho de 1955. Luiz Gonzaga/ Zé Dantas, RCA Victor 80.1450b).

IV. Bibliografia e demais Fontes

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **Nordestino uma invenção do falo: Uma história do gênero masculino (Nordeste -1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ARRAES, Francisco Muniz. **Araripina – História; fatos & reminiscência**. Recife, FIAM-CEHM – Prefeitura Municipal de Araripina, 1988.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. **In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural**. 1ª ed. Lisboa - Portugal: Editorial Estampa, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BURKE, Peter. **A escrita da História: Novas perspectivas**. 7ª. ed. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano, artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, Monsenhor. **Obras completas**. Teresina – PI: Fundação Monsenhor Chaves, 2005.

CUNHA, Maria de Fátima da. **A face feminina da militância clandestina de esquerda - Brasil Anos de 1960/70**. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em História do Departamento em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas/SP – Unicamp. Campinas/ SP, 2002.

DANTAS, José Avelar. **Fragmentos Históricos Simões**. Picos – PI: Gráfica e editora Brito LTDA, S/D.

D'ALENCASTRE, José Martins Pereira. MEMÓRIA, CHRONOLOGICA, HISTORICA GEOGRAPHICA DA PROVÍNCIA DO PIAUHY. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1855. **IN: REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRAPHICO TOMO XX - 1º TRIMESTRE DE 1857**.

HIRATA, Helena [et al.] (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

KHOURY, Yara Aun. (orgs) et. al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MATOS, Maria Izilda. **Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da historia: operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Alessandro. História oral como gênero. **In: História e Oralidade, Projeto História**, n. 22. São Paulo, Educ, junho, 2001.

SAMARA, Eni de M, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. **Gênero em debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea**. São Paulo: Educ, 1987.

SILVA, Roberto John Gonçalves da. **A constituição do sujeito coletivo CUT-PI: institucionalização, praticas e mudanças sócio-políticas.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social), PUC-SP, São Paulo, 1993.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1981.

Fontes orais

*** Entrevistas com mulheres da região do Araripe (1982-2000):**

- Araripina – PE

1. Francisca de Assis Arruda Gomes, Assisinha
2. Maria Darticléia A. Lima Modesto,
3. Silvania Maria de Oliveira Gomes

- Simões-PI:

1. Maria Gracilda Lopes de Carvalho,
2. Maria Aparecida dos Reis,
3. Maria Marlene de Moraes,

Outra fontes:

*** Sites**

<http://www.tre-pe.gov.br/>

<http://www.tre-pi.gov.br/>

IBGE

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

*** Música**

Luiz Gonzaga/ Zé Dantas, **Cabra da Peste Baião.** julh de 1955. RCA Victor 80.1450b.